

Ratos e Homens

Deve confiar-se nas primeiras impressões, contentar a pele e o olho (ou outro órgão não-pensante) sem uma demorada reflexão que passe já ao espírito e o obrigue a reagir, pensando? Deve, por outro lado, pensar-se a obra que nos pasma e sacode e faz rir (sem se saber muito bem porquê) para dela tirarmos um julgamento, coisa séria? Eu cá vou pelas paixões, mergulhos de cabeça, beijos à francesa, arrebatamentos, e os tormentos que isto dá, mas é como me faz andar em paz comigo, e as dores que isto dá, mas... embora não cuspa na importância dos tratados e até me lembre agora assim de repente de um filosófico livrinho chamado *Tratado das Paixões da Alma* que é de um filósofo - um senhor que pensa - e, pensando bem, não deve vir mal nenhum ao mundo de se pensar o sentimento ou sentir o que se pensa. Será que este pensamento-sentimento é o mais fiel à realidade ou estarei a perder o juízo cada vez que me ponho a pensar? Se me pedem um texto do nada ou de um objecto determinado qual me atrai mais? Tenho que pensar nisso. Agora, por exemplo, estou a pensar num assunto menos triste e que me faz estar aqui diante de um espaço em branco sem uma única ideia de retórica (mas com um sentimento de vaivém). Estou a pensar na Marta amiga e na Marta Ubach, a artista cujo trabalho é menos destinado aos olhos do que à alma. Penso como entre a Marta amiga e a Marta Ubach, entre a mulher e a sua arte, há a louvar as duas integralmente. Isto de escrever sobre amigos obriga a pensar. Porque eu cá não sou de promover amigos às cegas - e às cabras. Usar de rodeios é ainda uma coisa possível mas não vai bem comigo. Depois não alinho com o Barthes (meu amigo de escola) com a sua teoria da morte ao autor. No meu raciocínio simplório o tipo diz que não interessa se um homem ou mulher é o maior cretino à face da Terra, o que interessa é a obra que produz, e já agora se esta presta para alguma coisa. Posso estar enganado mas para mim a harmonia (em pintura ou na vida) vem da coexistência, mais ou menos pacífica, de um carácter humano e divino que se completam a longo-prazo. É como uma equação matemática a que só se chega de uma maneira, embora se admitam erros de cálculo infinitesimais. Citar por citar não me excita muito mas quando se fala assim, como o Kandinsky, faço uma ligeira vénia: *Em qualquer arte, a última expressão abstracta é o número . É evidente que este elemento objectivo necessita da ajuda da razão (conhecimentos objectivos - baixo contínuo da pintura) como força concorrente necessária. E este objectivo permitirá à obra actual dizer, no futuro, em vez de "eu fui" - "eu sou".* Ou seja, não se pode confundir o rabo com os jeans. Enquanto uns se entretêm a pintar bonequinhos e fantasias para conquistar o mundo dos sentidos dos outros, outros são a sua própria fantasia-harmonia. São o resultado de um conhecimento do mundo que habita no reino da Alice ou de Hofman, de Exupéry, Coleridge ou Borges. A maneira como as coisas se passam que importância tem, desde que elas se passem? Só uma cabecinha em ordem com ambos os mundos - visível e oculto - encontra uma passagem estreita para se aventurar com audácia no território do número (e com que força!). Perguntais, onde está o número quando à vista temos ratos e homens do mesmo tamanho e feitio? Pois, à vista... Está numa frase sumida que Marta me confiou (pra vos confiar) que dois ou três quadros que estão aqui expostos são premonições. Representam o futuro, o "eu sou", o ó-eu, e representam-no não em tom de tragédia sangrenta, mas com a coroa magenta da glória.

Tiago Salazar

Lisboa, 10 de Novembro de 2002